

CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 4 | Nº. 2 | Ano 2018

Robson Carlos da Silva
Rafael Bruno Ferreira Silva
Cândida Angélica P. Moura

CAPOEIRA E PEDAGOGIA REBELDE: REFLEXÕES ACERCA DA RODA DE RUA COMO RESISTÊNCIA

RESUMO

Discutimos neste artigo, organizado a partir do recorte de uma pesquisa em andamento, a Capoeira como instrumento de resistência negra no Brasil, tendo em vista sua trajetória histórica enquanto uma Pedagogia da Rebeldia contra as injustiças cometidas ao povo negro, sendo quase extinta, porém, ressurgindo nas “rodas de ruas”. Os primeiros achados informam que, em Teresina, as rodas de rua surgem na década de 1960, ganham força nos anos de 1990 e desaparecem nesta mesma década. Em 2009, há uma retomada das rodas de ruas de Teresina, com a criação da “Roda dos Amigos”. O artigo pontua possibilidades da roda de rua enquanto espaço de resistência da cultura negra, desvelando saberes que auxiliam na formação identitária dos sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Capoeira; Resistência; Roda de rua.

ABSTRACT

We discuss in this article, organized from the cut of an ongoing research, Capoeira as an instrument of black resistance in Brazil, considering its historical trajectory as a Pedagogy of Rebellion against the injustices committed to black people, being almost extinct, resurfacing in the "street circles". The earliest findings are that in Teresina, street circles emerged in the 1960s, gained strength in the 1990s and disappeared in the same decade. In 2009, there is a resumption of circles in the streets of Teresina, with the creation of "Roda dos Amigos" (Friends Circle). The article points out possibilities of the street circle as a space of resistance of the black culture, revealing knowledge that helps in the identity formation of the subjects involved

Keywords: Capoeira; Resistance; Street circle.

Site/Contato

www.capoeirahumanidadesletras.com.br

capoeira.revista@gmail.com

Editores

Marcos Carvalho Lopes

marcosclopes@unilab.edu.br

Pedro Acosta-Leyva

leyva@unilab.edu.br

CAPOEIRA E PEDAGOGIA REBELDE: REFLEXÕES ACERCA DA RODA DE RUA COMO RESISTÊNCIA

Robson Carlos da Silva¹
Rafael Bruno Ferreira Silva²
Cândida Angélica Pereira Moura³

Reflexões Introdutórias

Apesar do trabalho centrar o estudo em um passado recente, foi necessário fazer um recorte espacial e temporal sobre o objeto de pesquisa sem considerá-lo como um fato isolado, pois se faz necessário tratar o objeto de estudo dentro de um plano histórico maior, numa sequência lógica dos fatos. Caio Prado Júnior nos auxilia a entender esse processo em O Sentido da Colonização:

Todo povo tem na sua evolução, vista à distância, um certo “sentido”. Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo. Quem observa aquele conjunto, desbastando-o do cipoal de incidentes secundários que o acompanham sempre e o fazem muitas vezes confuso e incompreensível, não deixará de perceber que ele se forma de uma linha mestra e ininterrupta de acontecimentos que se sucedem em ordem rigorosa, e dirigida sempre numa determinada orientação. (PRADO JR., 2011, p. 15).

Portanto quando abordamos a Capoeira como objeto de resistência negra não podemos omitir quais os motivos que nos leva a fazer essa afirmação. Apesar das inúmeras controvérsias acerca da origem da Capoeira, sabemos que começou a ser praticada no Brasil, possivelmente ainda nos anos finais da colônia, por africanos, principalmente de origem angolana, em um conjunto de movimentos acrobáticos com chutes e socos, desenvolvida a partir da necessidade de defesa contra a intensa repressão e abusos do sistema escravista existente no país (SILVA, 2008).

Algumas obras literárias brasileiras contribuem para situar a centralidade que a Capoeira ocupou e ocupa na história social brasileira, por trazer narrativas que a destacam como uma

¹ Doutor em História da Educação pela Universidade Federal do Ceará/UFC; Estágio de Pós-Doutoramento pela Universidade Federal da Paraíba/UEPB; Professor Adjunto IV/DE da Universidade Estadual do Piauí/UESPI; Coordenador do Núcleo de Pesquisas em História Cultural, Sociedades e História da Educação Brasileira/NUPHEB; robsonuespi64@gmail.com.

² Estudante de História (UESPI). Membro pesquisador do NUPHEB. rafaelonurb@gmail.com

³ Pedagoga (UFPI). Especialista em Gestão de Pessoas (UVA). Professora Substituta da UESPI. Membro Pesquisadora do NUPHEB. Candida_moura@hotmail.com

Pedagogia social de resistência do povo, em especial o povo negro, nos espaços urbanos do Brasil. Na obra *Memórias de um Sargento de Milícia*, de Manuel Antônio de Almeida (2013), narrado no início do século XIX, muitos dos chamados bandidos e malfeitores eram, conforme registro do autor, denominados de capoeiras; no romance é destacado a presença do Major Vidigal, conhecido e temido representante da lei, dito como praticante dessa arte e, mesmo assim, ferrenho perseguidor das maltas de Capoeira no período descrito, entrando para história por quase ter eliminado essa prática das cenas urbanas do Rio de Janeiro no período imperial.

Além de Vidigal, o personagem Leonardo, protagonista da história, representa o malandro ou bamba, portanto capoeirista, que luta para sobreviver às margens das instituições governamentais.

Podemos destacar, também, a obra *Contos de Machado de Assis* (1986), na qual temos o conto *A Causa Secreta* em que o autor mostra, com certa violência a ação dos capoeiras que dominavam as ruas da cidade do Rio de Janeiro e contribuíam para a construção da identidade do tipo social “malandro” que imperava nas relações “marginais” em ruas e becos das cenas urbanas, nos ajudando a entender como foi forjado um personagem genuinamente brasileiro, o mulato, tipo mais arisco do que negro africano e mais presente nessas cenas, inclusive sendo destacado como responsável pela difusão do perfil capoeira.

Nos romances *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo (2012) e *Capitães da Areia* de Jorge Amado (2008) são destacadas várias características da Capoeira e alguns aspectos originados por sua prática. Em *O Cortiço* a Capoeira nos é apresentada por meio das maltas existentes no Rio de Janeiro e em outras cidades do período republicano, constituindo-se em espécies de facções, merecendo destaque o personagem Firmo, malandro franzino, exímio capoeirista e nos golpes de navalha, mantendo um caso amoroso com Rita Baiana, esta, também, disputada pelo português Jerônimo.

No desenrolar da trama Firmo e Jerônimo acabam brigando pelo amor de Rita Baiana, sendo destacados vários movimentos característicos da Capoeira, acabando o embate com Firmo ferindo gravemente a Jerônimo, deixando evidente vários aspectos que caracterizam a presença marcante da Capoeira no imaginário popular do Brasil, inclusive o tanto que esta prática influenciou, na cultura, na sociedade e na política da época, chegando a transformar-se em arma de grupos políticos, bem como, caso de polícia (conforme código penal de 1890).

Em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (2008), obra de cunho realista, e ambientada na Bahia dos anos 1930, são narradas as aventuras de um grupo de crianças abandonadas e que sobrevivem de furtos e roubos, pertencendo ao grupo denominado *Capitães da Areia*, a Capoeira é representada tanto nos apelidos dos meninos, onde são usados nomes de capoeirista famosos,

tais como, Pedro Bala e Gato, quanto na agilidade e habilidade deles que se utilizam de movimentos da Capoeira, escritos pelo autor, para fugir das perseguições, disputas e rixas de outros grupos.

No século XIX a Capoeira passou por uma fase de acentuada repressão por parte do Estado brasileiro, justamente por conter o caráter de resistência que causava transtorno para as entidades governamentais, como explanado acima, com mais força na capital do Império, Rio de Janeiro, relatados por crônicas de jornais da época como práticas marginais, porém, entendidas por nós enquanto ações de resistência, visto se tratarem de ações que podem ser classificadas como respostas contra o sistema escravista adotado pelo Brasil desde o século XVI, como ressalta a citação seguinte:

As primeiras décadas do século XIX foram marcadas na cidade do Rio de Janeiro pelo terror da capoeira. Geralmente identificados como escravos portadores de facas, estoques ou qualquer instrumento perfurante, ou então formando “maltas”, grupos armados que percorriam ruas da cidade, os capoeiras mantiveram em permanente vigilância a capital da Colônia e depois Império. (SOARES, 1994, p. 25).

A Capoeira acaba sendo perseguida e quase exterminada das cenas urbanas do Brasil Império, ressurgindo somente no século XX, erguendo-se:

[...] pelos morros, favelas, quintais e espaços da periferia dos grandes centros, numa espécie de renovação de forças, de tomada de fôlego, para, aos poucos, retomar seu espaço nas cenas públicas urbanas. O certo é que, aos poucos, notadamente no início dos anos de 1970 do século XX, a capoeira já estava fortemente presente nos espaços sociais urbanos das cidades brasileiras como uma cultura popular de manifestação pública [...] (SILVA, 2010, p. 291).

Desta forma, a Capoeira reaparece como uma cultura popular, praticada em espaços livres das cidades, denominadas Rodas de Rua, que reúnem um conjunto de características próprias, pois a sua prática favorece a interação entre diversas pessoas, possibilitando um espaço com a circulação de diversos saberes, se constituindo em um espaço cultural rico em possibilidades, diversidades e diálogos.

A prática da Capoeira se manifesta de diversas formas, podendo ser destacadas três modalidades principais: *roda de academia*, que consiste numa roda organizada como culminância dos treinos, praticada com os componentes devidamente uniformizados, identificando o grupo ao qual pertencem e realizada em locais específicos e fechados (ginásios, academias, escolas etc.); *roda de exibição*, voltada para eventos simbólicos, como ato de demonstração e divulgação pública, com um ou mais grupos de Capoeira presentes, uniformizados e se desenvolvendo em forma de show, com objetivos de apresentar os trabalhos

desenvolvidos, além de conquistar novos adeptos; e a *roda de rua ou roda livre*, que compreende a prática de Capoeira em espaços livres, sem a necessidade de uniformização, aberta ao público, para qualquer pessoa que queira participar, geralmente praticada em praças, mercados ou em centros urbanos das cidades (SILVA, 2010).

A Roda de Rua de Capoeira: pedagogia de rua, tradição rebelde e resistência

Na obra de Caxias (2005), podemos identificar fragmentos históricos que sustentam a compreensão e o entendimento acerca da centralidade que a manifestação da Roda de Rua, ou Roda Livre, de Capoeira vai assumindo nas cenas urbanas das cidades brasileiras, um espaço de encontros, de liberdades, de lutas e, acima de tudo, de resistência, visto sua principal característica de ocupação de territórios, dantes, conforme destacado, espaço próprio e povoado pela prática da Capoeiragem, pela presença marcante e dominante dos sujeitos sociais identificados como “Capoeiras”, cuja dinâmica histórica em seu constante movimento tratou de reinventar, atualmente conceituando a prática como Capoeira e o sujeito como Capoeirista.

Justificando o viés de resistência que a Capoeira carrega consigo, Caxias (2005) destaca que, assim como movimentos culturais, tais como, o Tropicalismo foi reprimido no período do golpe militar de 1964, a Capoeira, já proibida em sua prática e perseguida quase à extinção, quando foi apontada como prática marginal e terror dos grandes centros urbanos do Brasil imperial e republicano (Decreto Lei 487 de 11/10/1890, capítulo XIII, Art. 399), também sofre repressão ao tentar voltar à cena nas praças públicas e outros espaços públicos das cidades, inclusive, conforme reforçado por Silva (2016), tendo de, novamente, enfrentar a dureza e insensibilidade da Polícia e de pessoas que ainda a concebiam como prática de malandros, desocupados e vadios.

A este respeito Cascudo (1999, p. 241), afirma sobre a Capoeira:

Jogo atlético de origem negra [...], defensivo e ofensivo, espalhado pelo território e tradicional **no Recife, cidade de Salvador e Rio de Janeiro**, onde são recordados os mestres, famosos pela habilidade e sucessos. **Desde princípios do séc. XIX foi reprimido pela polícia** [...], tornando, nas festas populares, um perigo de vida assistir à passagem das bandas de música ou certos préstitos carnavalescos preferidos por uns grupos e inevitavelmente atacados pelas maltas adversárias. [...] Silvio Romero informava, na segunda metade do séc. XIX: “A Polícia nunca pode extirpar este cancro. Os capoeiras usam navalhas como armas e sabem um jogo de pulos, pontapés e cabeçadas todo original” [...] **No Rio de Janeiro e Recife a capoeira é jogo de rua**, arma de malandro, com uma nomenclatura especial para os golpes, especialmente numerosos quando atirados pelas pernas [...]. A crônica oral cita os grandes capoeiras invencíveis, aparecendo nas festas e desfazendo o encanto delas, aumentando o prestígio próprio e do grupo. [...] Nos primeiros anos do regime republicano no Brasil, **o chefe de**

Polícia do Rio de Janeiro, Sampaio Ferraz, enfrentou a capoeiragem numa guerra de morte [...]”. (Grifos nossos)

Conforme estamos destacando, a Capoeira nasceu e se desenvolveu como um jogo, uma prática, uma pedagogia de rua, o que encontra maior rigor em duas obras de suma importância para entendermos esse aspecto, as obras *Os Capoeira* de Plácido Abreu (1886) e *Festas e tradições populares no Brasil* de Alexandre Mello Moraes Filho (1901).

Na obra *Os Capoeiras*, Abreu (1886), considerado um dos teóricos pioneiros a escrever sobre a Capoeira, inclusive, possível praticante da arte, destaca de forma minuciosa vários aspectos característicos desse jogo, tais como, origens, as maltas (espécies de grupos organizados) e suas relações com os partidos políticos, organização interna, ensino e rituais destes grupos. Para os propósitos de nosso estudo, gostaríamos de destacar a ênfase que dá à Capoeira enquanto uma prática de rua, sua natureza social-popular e rebelde frente ao poderes dominantes da época; destaca termos e gírias que caracterizam o linguajar dos capoeiristas ao que remete se tratar de um código humano e social que servia para resguardar, proteger e garantir a sobrevivência da capoeiragem.

Por sua vez Moraes Filho (1901), teórico cuja obra carregada de intelectualismo e elitismo, procura abordar a Capoeira como uma prática de caráter identitário nacional e um desporto eficiente, além de uma tradição fortemente enraizada no imaginário popular brasileiro, devendo pouco ou quase nada ao povo africano, o que de certa forma demonstra suas intenções de retirar as características da capoeira enquanto prática de rua e popular, concedendo a esta ares de uma prática metodizada, organizada e hierarquizada conformes os moldes elitistas de pensar, o que caracteriza a pretensão, muito em voga do início da República no Brasil, de nos transformar em nação “civilizada”.

Sem nos aprofundar em outros aspectos relevantes da obra do teórico citado, nos concentramos em identificar a forma com que suas narrativas evidenciam a significativa caracterização da Capoeira enquanto prática e jogo de rua, uma pedagogia social de rua:

O capoeira antigo tinha igualmente seus bairros, o ponto de reunião das maltas; **suas escolas eram as praças, as ruas, os corredores**. A malda de Santa Luzia chamava-se a dos lusitanos; a do Castelo, de Santo Inácio; a de São Jorge, da lança; dos ossos a do Bom Senhor Jesus do Calvário [...]. (MORAIS FILHO, 1901, p. 259, grifos nossos).

O que pretendemos deixar claro e evidente é que a Capoeira é uma prática de rua, um código identitário de resistência do povo negro e do povo de forma geral, uma Pedagogia da

rebelia, entendida como contraposição e resistência frente as imposições das elites dominantes desde os anos finais do século XVIII no Brasil.

A Capoeira surgiu nas cenas urbanas e rurais do Brasil e foi se constituindo enquanto prática e tradição cultural brasileira, não se resumindo a somente um jogo atlético praticado pelos negros em seus momentos de lazer e descanso, mas uma luta constituída, treinada, aperfeiçoada e difundida por meio de Pedagogia marcada por códigos, linguagens, vestimentas, atitudes, uma cosmovisão que se contrapunha a visão do europeu dominante que se instalara no país e ditava toda forma de ser e de existir das pessoas, seus comportamentos e as formas de punições, todas atendendo seus propósitos e forma de conceberem o mundo, ou seja, tendo eles próprios seus valores como centrais.

Uma outra passagem retirada da obra de Moraes Filho (1901), assaz reveladora, desvela cenas que evidenciam dois aspectos significativos para se compreender a Capoeira como Pedagogia rebelde, sua natureza de resistência e contraposição à ordem dominante e impositiva, aliada a seu caráter de prática de rua imbricada e presença marcante nos espaços urbanos das cidades do Brasil do século XIX:

Muitos dos comandantes de corpos e grande parte da oficialidade entendiam do jogo, ou eram habilíssimos na arte. Os desafios entre as freguesias transmitiam-se por meio de pancadas de sino convencionais e em horas determinadas. Os assaltos, os combates se davam **nas praças, nas ruas, em sítios mais ou menos distantes e desertos**. Às vezes, interrompendo a marcha de uma procissão, o desfile de um cortejo, ouvia-se, aos gritos das senhoras correndo espavoridas, das negras levando os senhores moços ao colo, dos pais de família pondo a abrigo a mulher e os filhos, o horroroso *Fecha! Fecha!* Os *caxinguelês* voavam na frente, a capoeiragem disparava indômita, seguindo-se ao distúrbio cabeças quebradas, lampiões apedrejados, facadas, mortes. A polícia, amedrontada e sem força, fazia constar que perseguia os desordeiros, acontecendo raríssimas vezes ser preso este ou aquele, que respondia a processo. (MORAIS FILHO, 1901, p. 330, grifos em negrito nossos).

A citação nos revela o quanto a Capoeira, ou Capoeiragem, era temida e se fazia, por meio de seus praticantes, os Capoeiras, senhora das ruas e espaços públicos, amedrontando e transformando estes espaços em palcos para seus embates, os quais se davam entre os grupos rivais, as Maltas, inclusive, numa clara alusão de que se tratava de uma prática nascida e mantida nas ruas, tornando sem efeito a presença e a ação policial enquanto agência mantenedora da ordem.

Portanto, não se pode conceber a Capoeira como uma prática metodizada, e fechada por meio de regras deterministas, mas sim entende-la, originariamente e fundamentalmente, como um jogo, uma arte de rua, uma prática social, uma Pedagogia rebelde, significativamente ligada à rua, aos espaços públicos e abertos, prática essa que tem na roda de rua sua escola, encharcada

de valores, princípios, aspectos, características, dentre outros códigos da cultura popular, do povo negro.

Neste sentido, jogar Capoeira nas ruas, para os praticantes sinônimo de espontaneidade, ainda era prática discriminada, atrelada a vagabundagem e desorganização, o que acaba motivando as expressões de roda livre, pois “[...] tínhamos a consciência de que a capoeira tinha que ser apresentada ao povo, ela tinha de ser devolvida àqueles a quem pertencia [...]” (CAXIAS, 2005, p. 44).

O entendimento de muitos capoeiristas era de que a prática da Capoeira em espaços públicos traria visibilidade e, conseqüentemente, força a esta cultura negra e popular, pois, conforme citação acima, trata-se de uma manifestação do povo, das ruas, uma expressão livre.

A resistência se configura quando ao tentar voltar e retomar seu território de origem e consolidação, ao qual Silva (2016) denomina de código de resistência e sobrevivência do povo nas ruas e espaços públicos dos centros urbanos brasileiros, desde os anos iniciais do século XIX, os capoeiristas encontram diversas frentes de contraposição às suas intenções e propósitos.

Em Teresina/PI não foi diferente, conforme evidencia Silva (2016), quando destaca várias passagens em que os capoeiristas teresinenses tiveram de brigar por espaço e respeito, o mesmo acontecendo em várias regiões do país, mesmo em cidades onde a Capoeira possivelmente já se consolida enquanto cultura e prática social, tais como, Rio de Janeiro, em que jovens praticantes de Capoeira, do tradicional bairro de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, mantinham uma roda de rua na Praça do Pacificador, fosse qual fosse as circunstâncias, enfatizando que “Uma vez tivemos de brigar com um bloco de carnaval que queria atravessar a roda. Não sei quem ganhou ou perdeu, mas eles não atravessaram” (CAXIAS, 2005, p. 45).

A Roda de Rua é marcada, acima de tudo, pelo significativo ajuntamento de pessoas, transeuntes e curiosos, que cercam o círculo onde se realiza, mantendo sempre o espaço fechado, enquanto um território de livre expressão, dado que, na roda de rua, predomina a tradição da não exigência de uniforme ou pertencimento a qualquer grupo ou estilo definido, tampouco exigência de qualquer natureza, sendo livre a expressão a quem assim o desejar.

Não se trata de uma roda de apresentação de grupos, nem roda de divulgação de eventos, exibições públicas ou shows artísticos, muito embora exista um comando, a cargo, geralmente, do mestre fundador ou que tenha assumido o comando por algum motivo. É um território livre, em que os bambas desta arte se encontram para praticar o jogo livre, a expressão sem amarras, a Capoeira como tradição cultural, em seu conjunto, composta pela parte musical, o coro acompanhado de palmas formado pelos que demarcam a roda e dois capoeiristas ao centro jogando, executando os movimentos e expressando suas destrezas, suas manhas, suas

mandingas, armando e aplicando seus botes, numa forma de jogo dançado, de luta jogada, de brincadeira de vadiagem, dentre muitas outras características próprias do jogo.

A Roda de Rua tem como palco os logradouros públicos e como cenário os centros urbanos das cidades, ou seja, a rua, daí um dos motivos de se tratar de movimento de resistência, tendo dois aspectos, dentre muitos, que merecem destaque: resistência contra o silenciamento da cultura do povo e a resistência contra as tentativas de descaracterizações sobre esta arte.

Em relação à resistência ao silenciamento da cultura do povo, já abordamos alguns pontos nestes texto, visto que a Capoeira, nascida e mantida nas ruas, enquanto cultura do povo negro e brasileiro em seus movimentos de ocupação, identidade e legitimação contra as muitas opressões que foram infligidas historicamente, sendo quase extinta das cenas públicas das cidades, faz um esforço de resistência e retorna às ruas, agora como Roda de Rua livre, porém marcadamente ocupado, desvelando a força da cultura enquanto ferramenta identitária e de luta contra a opressão. A Roda de Rua de Capoeira, ou Roda de Rua Livre, se constitui, a partir destas reflexões, enquanto espaço, território, cenário de resistência.

Sobre o aspecto da resistência contra as tentativas de descaracterizações sobre a Capoeira, podemos ressaltar os muitos discursos que afirmam tentativas de retirar a Capoeira das ruas, escolarizá-la, formatá-la como prática desportiva regrada e metodizada, geralmente para ser aceita nas academias de ginástica e musculação, de torna-la prática aceita pelas classes sociais mais favorecidas economicamente, num processo que denominam de embranquecimento, além de moldá-la aos ditames e formatos de grupos religiosos e seus dogmas, o que, de forma contundente, mascara ou exclui cantos, contos, saberes, histórias, nomenclaturas e outros aspectos da cultura negra para adotar ritos e posturas próprias destes grupos, descaracterizando significativamente a prática.

Neste sentido, a Roda de Rua, ao propor ocupar a rua e seguir os tradicionais aspectos que sempre estiveram ligados a sua história, traz à tona uma tensão de resistência, se assentando na ludicidade marcante de sua expressão, tal como, a plasticidade, o aspecto artístico e belo de um combate, atrelado à forma marcial em que o jogar é mais importante do que o lutar ou do que a disputa fria e sem sentido em busca de medalhas ou reconhecimento dos esportes massificados, visto que, no jogo da Roda de Rua, não existem vencedores e perdedores, mas mandingueiros e camaradas, bambas na arte da malandragem, que negam a representação comum e preconceituosa de vagabundagem e reforçam, firmam, afirmam e resistem por meio da introdução de uma lógica e de uma cosmovisão outra, para além da lógica racional imposta como central em nossa sociedade, concedendo potência à Roda de Rua como espaço de

identidade, pertencimento e resistência da cultura do povo, naquilo que Moura (2014) classifica de cultura de resistência social.

A Capoeira volta às ruas: a roda de rua dos Amigos de Teresina/PI

Entendemos, a partir dos referenciais deste artigo, que o tipo social apontado na literatura brasileira, conforme destacado acima, como marginal e agente transgressor da ordem dominante, na verdade é uma figura que incomodava pelo caráter de liberdade e de contraposição que impunha aos interesses hegemônicos da época. O cenário de sua atuação de forte significação é a roda de capoeira, especialmente a roda de rua, sendo um espaço de resistência e manutenção da cultura e cosmovisão do povo negro.

A partir das narrativas orais do Mestre de Capoeira Parafuso, teresinense, destacado enquanto um dos idealizadores e coordenadores da Roda dos Amigos, foi somente nos anos finais da década de setenta do século XX que as rodas de ruas realizam seus primeiros movimentos em Teresina, capital do estado do Piauí, prática esta que se acentua a partir do final da década de oitenta até os anos finais da década de noventa, período este, mais precisamente nos idos de 1999, onde ocorreu um declínio da realização destas rodas, resultando, anos depois, no surgimento de grupos de praticantes preocupados em manter viva e resguardar os valores, representações e significados que têm as rodas de rua, em especial, enquanto espaço de resistência da cultura negra popular (LIMA, 2018).

Segundo o Mestre Parafuso, em 2009, demandada pela acentuada criação de grupos e escolas de Capoeira, houve significativa procura e reivindicação por rodas livres manifestadas nas ruas, onde os capoeiristas poderiam se encontrar e dialogar, emergindo a necessidade da reorganização das rodas de ruas de Teresina, culminando com a criação da “Roda dos Amigos”, que surgiu por iniciativa de praticantes de antigas rodas de rua realizadas na capital piauiense (LIMA, 2018).

A Roda dos Amigos por ser uma prática de roda de rua, sempre é realizada em locais livres dos centros urbanos, principalmente na Praça Landri Sales⁴ no centro de Teresina. No entanto, ficou acertado pelos idealizadores, que a Roda dos Amigos teria caráter itinerante e não fixa, pois desta forma possibilitaria maior inserção, identificação e participação por parte dos diversos grupos envolvidos na criação da roda. (LIMA, 2018).

É importante destacar, ser de fundamental importância o estudo sobre a história e o desenvolvimento da Roda dos Amigos na capital piauiense, no sentido de entendermos este

movimento de resistência característico das rodas de rua de Capoeira, tendo em vista todos os saberes que circulam no ambiente dessas rodas, com o seu poder na construção da ideia de identidade do indivíduo, auxiliando e construindo a consciência de classe, assim como a percepção dos silenciamentos que se criou em torno das classes marginalizadas, além da continuidade e perpetuação da cultura popular negra dentro da sociedade brasileira.

Dentre estes saberes, podemos destacar, a história social do povo negro no Brasil, por meio de suas oralidades, mantidas e difundidas nas cantigas; a significância da gestualidade enquanto instrumento de transmissão da luta de resistência do povo; e o senso de conscientização da necessidade de se criar espaços, formados e mantidos pelas próprias pessoas, e que se constituem em lugares de manutenção dos costumes, cultura e tradições do povo negro.

A imersão no universo desta prática cultural e o amparo de nosso referencial teórico, nos permite afirmar que a Roda de rua de Capoeira “Roda dos Amigos” se constitui, também, mesmo que de forma espontânea ou sem intencionalidades eleitas, em um espaço de resistência e afirmação da cultura do povo negro, contra a opressão, preconceitos e discriminações que ainda perduram em relação à cultura negra e popular.

Através dos saberes que circulam as rodas de ruas, o indivíduo participante absorve inúmeros atributos, como o desenvolvimento do senso crítico e a ideia de identidade, assim como a consciência de classe, sendo esse o mais importante, pois permite que o indivíduo assuma a consciência de sua condição enquanto sujeito de uma sociedade (MARX; ENGELS, 1998), possibilitando que o mesmo livre-se da condição política sedentária percebendo e agindo contra as injustiças do dia a dia.

Para os propósitos do artigo, são estas as primeiras impressões e achados, frutos, ainda, do caráter inicial e, por isso mesmo provisório, do estudo.

Considerações Provisórias

Podemos afirmar que a Roda dos Amigos surge de um anseio intencional, embora espontâneo, visto não se assentar, tampouco, se orientar por normas e regras fixas, e vai se constituindo em espaço de resistência, do povo, dos capoeiristas, trazendo à tona, por meio dos múltiplos saberes que circulam em seu espaço, as possibilidades pedagógicas e identitárias do sentido de brasilidade em seus praticantes.

⁴. Localizada no centro de Teresina, em frente o Liceu Piauiense, popularmente conhecida como “Praça do Liceu”.

Ainda provisória, inicial e, portanto, inconclusiva, a pesquisa que orientou o artigo em tela, se anuncia enquanto possibilidade de aprofundamento e desvelamento da história recente de uma cultura fortemente presente no imaginário popular de nossa gente e, por isso mesmo, artefato cultural e Pedagogia Social de rebeldia, significativa e carregada de sentidos positivos enquanto prática formadora e educacional. Perspectivas estas que certamente iluminarão a sequência da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Plácido de. **Os Capoeiras**. Rio de Janeiro: Tipografia Part, 1886.

ALMEIDA, Manuel Antônio. **Memórias de um Sargento de Milícias**. São Paulo: Penguin, 2013.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSIS, Machado de. A causa secreta. In: **Machado de Assis: obra completa v. II**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Via Lettera, 2012.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FIGUEIREDO, Janaina Amado. **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. EFGV: Rio de Janeiro, 2016. p. 219-231.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CAXIAS, Russo de. **Capoeiragem: expressões da roda livre**. Rio de Janeiro: Impresso Brasil, 2005.

LIMA, Carlos Ferreira. **Entrevista de Carlos Ferreira Lima (Mestre Parafuso)**, concedida a Rafael Bruno Ferreira Silva, em 20 de agosto de 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Martins Fontes: São Paulo, 1998.

MORAIS FILHO, Alexandre José de Mello. **Festas e Tradições Populares no Brasil**. Rio de Janeiro: Tecnho Print, 1901.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 2. ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois: Anita Garibaldi, 2014.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. Companhia de Letras: São Paulo, 2011.

SILVA, Robson Carlos. **As Narrativas dos Mestres e uma História Social da Capoeira em Teresina/PI**: do pé do berimbau aos espaços escolares. Teresina: CRV, 2016.

SILVA, Robson Carlos da. **Capoeira**: o preconceito ainda existe? Teresina, 2008.

SILVA, Robson Carlos da. Roda de Rua: notas etnográficas a respeito do jogo da capoeira como fenômeno sociocultural urbano. In BOMFIM, Maria do Carmo Alves. *et al.* (Orgs.). **Educação e Diversidade Cultural**. Fortaleza – CE: Edições UFC, 2010, p. 282-296.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negregada Instituição**: os capoeiras do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura: Rio de Janeiro, 1994.

Robson Carlos da Silva

Doutor em História da Educação pela Universidade Federal do Ceará/UFC; Estágio de Pós-Doutoramento pela Universidade Federal da Paraíba/UFPB; Professor Adjunto IV/DE da Universidade Estadual do Piauí/UESPI; Coordenador do Núcleo de Pesquisas em História Cultural, Sociedades e História da Educação Brasileira/NUPHEB; robsonuespi64@gmail.com.

Rafael Bruno Ferreira Silva

Estudante de História (UESPI). Membro pesquisador do NUPHEB. rafaelonurb@gmail.com

Cândida Angélica Pereira Moura

Pedagoga (UFPI). Especialista em Gestão de Pessoas (UVA). Professora Substituta da UESPI. Membro Pesquisadora do NUPHEB. Candida_moura@hotmail.com
